

ECOSSISTEMAS EMPREENDEDORES E A INDÚSTRIA DO TURISMO

MARÍLIA CLÁUDIA OLIVEIRA PAES DE LIMA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)

MARILIA FÁTIMA CARDOSO DE PINHO BRANDÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)

ANA CLÁUDIA AZEVEDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)

MAGNUS LUIZ EMMENDOERFER

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)

Agradecimento à órgão de fomento:

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ.

ECOSSISTEMAS EMPREENDEDORES NO SETOR DE TURISMO

1. INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, o turismo é um dos principais fenômenos sociais e econômicos, pois além de gerar empregos e receitas fiscais, este setor estimula investimento em infraestrutura, capital humano e tecnologia (CAVALHEIRO, JOIA e CAVALHEIRO, 2020). O desenvolvimento dessa atividade exige planejamento e ações tecnicamente dirigidas. Com isso, o interesse e a importância nesse setor vem crescendo para as economias regionais e para os governos, dado à preocupação em desenvolver políticas públicas capazes de fomentar essa atividade empreendedora e gerar crescimento econômico (SOUZA, DE *et al.*, 2016).

A atividade turística oferece muitas oportunidades para os empreendedores, uma vez que esse setor demanda um conjunto de diferentes serviços e constante necessidade de renovação dos produtos (GUIMARÃES e SILVA, 2017). Trata-se de uma área do empreendedorismo aberta e acessível a negócios, ainda que pequenos empreendimentos, e que pode apresentar oportunidades com baixa necessidade de capital e grande potencial de inovação (SILVA, FONSECA e SPINOLA, 2017).

Complementarmente a experiência turística particulariza e difere o turismo de outras indústrias, devido as configurações físicas e culturais, que fazem com que esses elementos sejam considerados um fator sistêmico, em vez de condição estrutural (BACHINGER, KOFLER e PECHLANER, 2020). As configurações físicas e culturais fazem com que a experiência turística seja única em uma cidade, impossível de ser replicada em outras regiões. Devido a essa natureza composta dos produtos turísticos, configurações físicas ou culturais, as redes e a governança de redes têm um papel fundamental nas condições sistêmicas, o que diferencia da atuação em outros segmentos, pois além de apoiar os empreendedores, trabalha em prol da conservação e restauração dos pontos turísticos e na promoção da região, realizando eventos culturais típicos do destino turístico (BACHINGER, KOFLER e PECHLANER, 2020).

Para compreender o contexto do empreendedorismo em territórios específicos (países, regiões, cidades), a metáfora de um ecossistema empreendedor é cada vez mais usada por acadêmicos e profissionais. As ideias fundamentais por trás do ecossistema empreendedor (EE) surgiram nas décadas de 1980 e 1990 como parte de uma mudança nos estudos de empreendedorismo, partindo da pesquisa individualizada baseada na personalidade para uma perspectiva mais ampla da comunidade que incorpora o papel das forças sociais, culturais e econômicas no processo de empreendedorismo (SPIGEL e HARRISON, 2018; STAM e VEN, VAN DE, 2019).

O trabalho de Isenberg (2010) na *Harvard Business Review* e o livro *Startup Communities* de Feld (2012) foram os que percursores que impulsionaram a popularidade do tema dentro das comunidades de profissionais e políticas públicas (WURTH, STAM e SPIGEL, 2021). Esses autores destacam a importância da comunidade em termos dos vários atores que apoiam socialmente e financeiramente o empreendedor, assim como os ambientes educacionais, políticos e econômicos que fornecem recursos para novos empreendimentos (SPIGEL e HARRISON, 2018).

A caracterização de um ecossistema, enquanto uma metáfora biológica, parte do princípio que as novas empresas não surgem do nada, mas crescem e sobrevivem em ambientes onde inúmeros fatores podem apoiar o seu desenvolvimento (SOUZA, DE *et al.*, 2016). Diante disso, um ecossistema empreendedor é constituído por diversos stakeholders, que possuem algum grau de interação entre si, com iniciativas relacionadas ao empreendedorismo e que geralmente, estão ligados geograficamente (CORRADI e PEREIRA, 2020). Em ecossistemas empreendedores observa-se a presença e atuação de organizações não governamentais,

associações, entidades econômicas, instituições de ensino e pesquisa com interesse no empreendedorismo e a existência de redes de relacionamento locais, regionais e internacionais entre empreendedores (ISENBERG, 2011).

Os atores dentro dos EE incluem grandes empresas, universidades, instituições públicas, startup e corretoras, sendo que, para expandir os negócios em crescimento, precisam incluir uma gama completa desses atores e interações necessárias (PUSTOVRH, RANGUS e DRNOVSEK, 2020). Para que o empreendedorismo aconteça “é fundamental que seu ecossistema esteja ativo, ou seja, que haja elementos inter-relacionados à disposição dos empreendedores, que estimulem, alavanquem, incentivem, e gerem confiança nas pessoas que precisam exercer seu comportamento empreendedor” (SILVA; FONSECA; SPINOLA, 2017, p. 32).

Os ecossistemas empreendedores podem ser aplicáveis ao turismo, com ecossistemas caracterizados por um grande número de atores que requerem coordenação e colaboração (EICHELBERGER *et al.*, 2020). A abordagem dos elementos do ecossistema empreendedor possibilita uma estrutura de análise mais completa e dinâmica, que revele a multiplicidade de elementos envolvidos na sua atividade cotidiana, assim como as necessidades de intervenção para o fortalecimento da ação empreendedora em uma dada realidade. Quando aplicado ao turismo, “possibilita que a região turística possa aproveitar todo o seu potencial e alavancar novas iniciativas empreendedoras, em um ciclo virtuoso de crescimento” (SILVA, FONSECA e SPINOLA, 2017, p. 15).

A abordagem do EE tem sido pouco usada para pesquisas sobre o turismo até o momento (EICHELBERGER *et al.*, 2020) assim como as publicações ainda são raras (BACHINGER, KOFLER e PECHLANER, 2020). O conhecimento sobre as expectativas da demanda de EE é vital para os empreendedores ao explorar as oportunidades de expansão de mercado e produzir uma criação de valor agregado (EICHELBERGER *et al.*, 2020). Diante disso, estudar sistematicamente o EE e como relacioná-lo à promoção do turismo, torna-se uma importante ferramenta na promoção do conhecimento. Assim, esse trabalho tem como questão de pesquisa: Como os ecossistemas empreendedores podem contribuir para o fortalecimento da ação empreendedora na indústria do turismo.

Isto posto, os objetivos que irão sustentar a pesquisa bibliográfica consistem no estudo de artigos internacionais criteriosamente selecionados dentro da temática de EE. Os objetivos secundários desdobram-se em identificar e analisar as definições de EE; os estágios de desenvolvimento dos EE; as dimensões de análise dos EE e mais especificamente, a relação dos EE e o turismo.

A realização desta pesquisa justifica-se pelo fato de existirem poucos estudos sobre o EE e sua aplicação ao turismo, o que resulta no desconhecimento do potencial empreendedor dos empresários nessa atividade. O conhecimento dessa temática possibilita o avanço do conhecimento teórico, tanto dos estudantes da área, como dos empreendedores, das redes e governança. As pesquisas científicas podem ser a base na formulação de políticas públicas e de estratégias de gestão empresariais, obtendo resultados expressivos (SOUZA, DE *et al.*, 2016).

Para atingir o objetivo proposto, este trabalho foi construído em três seções, a partir desta introdução. Inicialmente expõe todo o processo metodológico da revisão sistemática, da coleta dos artigos até a análise dos dados. Em seguida, extrai-se as informações destacadas, dentre os artigos estudados. E finalmente, são apresentadas as considerações finais, relacionando com a questão da pesquisa.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste trabalho utilizou-se a revisão sistemática para um maior aprofundamento no tema ‘ecossistema empreendedor’ (EE), dado ser um tema contemporâneo no empreendedorismo e

catalisador do desenvolvimento (WURTH, STAM e SPIGEL, 2021). A revisão sistemática é um tipo de pesquisa bibliográfica que utiliza a literatura sobre determinado tema como fonte de dados, possibilitando ao investigador, a cobertura de uma gama de informações muito mais amplas do que aquelas pesquisadas diretamente (GIL, 2002). O que a diferencia de outros tipos de pesquisas bibliográficas, é que essa pesquisa é conduzida de forma sistemática e rigorosa, de modo a garantir que o pesquisador acumule um censo relativamente completo da literatura relevante (WEBSTER e WATSON, 2002).

A revisão sistemática oferece maior rigor e melhores níveis de confiabilidade na revisão bibliográfica, pois define um método sistemático para realizar buscas e analisar resultados até que os objetivos da revisão sejam alcançados, através da repetição por meio de ciclos determinados (CONFORTO, AMARAL e SILVA, DA, 2011). Mais especificamente os autores a definem como “processo de coletar, conhecer, compreender, analisar, sintetizar e avaliar um conjunto de artigos científicos com o propósito de criar um embasamento teórico-científico (estado da arte) sobre um determinado tópico ou assunto pesquisado” (CONFORTO, AMARAL e SILVA, DA, 2011, p. 3).

2.1 Etapa de seleção dos artigos

O procedimento inicial para a seleção dos artigos a serem analisados foi a definição do termo chave “*entrepreneurial ecosystem*” para uma captação mais ampla das publicações internacionais. A base de dados utilizada foi Web of Science, na área (negócio, gestão e economia), na forma (artigos e revisão), idioma inglês e na categoria temporal artigos dos últimos 5 anos (período de 2016- 2021).

Como retorno da primeira busca realizada em maio de 2021, foram selecionados 269 artigos. Na etapa seguinte, o novo critério de seleção adotado foi a avaliação de periódicos seguindo os critérios do *Journal Citation Report* ou JCR, selecionando apenas journals com fator de impacto (FI) >3,8, resultando em 77 artigos.

Cada um dos artigos pré-selecionados nesta segunda etapa (os 77 artigos), seguiram para uma seleção mais minuciosa, passando por um filtro que se baseou na leitura do título, palavra-chave e resumo. O título do artigo deveria remeter ao tema da pesquisa em questão (ecossistema empreendedor), as palavras-chaves deveriam conter o termo definido para a pesquisa (ecossistema empreendedor) e o resumo vir de encontro aos objetivos da pesquisa (as definições de EE; e/ou os estágios de desenvolvimento dos EE e/ou as dimensões de análise com modelos propostos).

Nesta terceira etapa foram selecionados 41 artigos, que passaram por um último filtro, que se orientou pelo processo de leitura da introdução e conclusão, de modo a atender ao máximo os requisitos dos objetivos da pesquisa.

Finalmente, nesta quarta etapa do processo de seleção dos artigos a serem analisados sistematicamente, 19 artigos foram selecionados, para análise de todo o conteúdo e assim construir a síntese de acordo com os propósitos esperados para a pesquisa. Uma observação importante a constar foi que, apesar da busca temporal ter sido entre 2016 a 2021, os artigos selecionados datam do recorte temporal entre 2017 a 2021. Dentre o início do processo de seleção dos artigos, até a finalização do trabalho, se passaram 40 dias. As etapas da busca dos artigos se resumem de acordo com o quadro 1.

ETAPAS	CRITÉRIOS	ARTIGOS SELECIONADOS
1ª etapa	Palavra-chave Artigos e revisão Idioma inglês Período (2016-2021)	269 artigos
2ª etapa	Avaliação de fator de impacto JCR- FI >3,8	77 artigos

3ª etapa	Título Palavra-chave (EE) Resumo	41 artigos
4ª etapa	Introdução e conclusão	19 artigos
5ª etapa	Análise completa do artigo	19 artigos

Quadro 1: Base de busca dos artigos analisados

Fonte: Elaboração dos autores.

A escolha da base Web of Science como fonte de dados de pesquisa (artigos e revisão) foi motivada pela representatividade de estudos no âmbito nacional e internacional em periódicos que inclui a área de ciências sociais, o que tornou mais adequado para a pesquisa que procurou selecionar artigos bem avaliados. A base de dados Web of Science é uma base internacional que possui o maior número de periódicos e artigos de qualidade (SCARINGELLA e RADZIOW, 2018). O idioma selecionado da busca foi o inglês, devido ser o idioma de maior representação nos artigos. Quanto à avaliação dos periódicos JCR (Journal Citation Reports), esse recurso nos permite avaliar as revistas mais importantes por área do conhecimento que foram publicadas no ano referência (todas indexadas nas duas principais bases da Web of Science: Science & Social Science), avaliadas por influência, citações recebidas, além de vários indicadores a serem calculados, incluindo o fator de impacto (WEB OF SCIENCE GROUP, 2021). A escolha do fator de impacto (FI) > 3,8, avaliados pelo JCR se deu por corresponder a avaliação máxima Qualis-Periódicos, que corresponde a A1 (SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP, 2021). Os artigos selecionados e analisados nesta revisão sistemática constam no Quadro 2.

AUTOR	TÍTULO	PERIÓDICO	ANO
Wurth, B; Stam, E; Spigel, B	Toward an Entrepreneurial Ecosystem Research Program	Entrepreneurship Theory and Practice	2021
Cantner, U; Cunningham, JA; Lehmann, EE; Menter, M	Entrepreneurial ecosystems: a dynamic lifecycle model	Small Business Economics	2021
Xie, ZM; Wang, X; Xie, LM; Duan, KF	Entrepreneurial ecosystem and the quality and quantity of regional entrepreneurship: A configurational approach	Journal of Business Research	2021
Cao, Z; Shi, XW	A systematic literature review of entrepreneurial ecosystems in advanced and emerging economies	Small Business Economics	2021
Bischoff, K	A study on the perceived strength of sustainable entrepreneurial ecosystems on the dimensions of stakeholder theory and culture	Small Business Economics	2021
Stam, E; Van de Ven, A	Entrepreneurial ecosystem elements	Small Business Economics	2021
Pugh, R; Soetanto, D; Jack, SL; Hamilton, E	Developing local entrepreneurial ecosystems through integrated learning initiatives: the Lancaster case	Small Business Economics	2021
O'Shea, G; Farny, S; Hakala, H	The buzz before business: a design science study of a sustainable entrepreneurial ecosystem	Small Business Economics	2021
Pustovrh, A; Rangus, K; Drnovsek, M	The role of open innovation in developing an entrepreneurial support ecosystem	Technological Forecasting and Social Change	2020
Robertson, J; Pitt, L; Ferreira, C	Entrepreneurial ecosystems and the public sector: A bibliographic analysis	Socio-Economic Planning Sciences	2020
Godley, A; Morawetz, N; Soga, L	The complementarity perspective to the entrepreneurial ecosystem taxonomy	Small Business Economics	2019

Audretsch, DB; Cunningham, JA; Kuratko, DF; Lehmann, EE; Menter, M	Entrepreneurial ecosystems: economic, technological, and societal impacts Who is left out: exploring social boundaries in entrepreneurial ecosystems	Journal of Technology Transfer	2019
Neumeyer, X; Santos, SC; Morris, MH	Who is left out: exploring social boundaries in entrepreneurial ecosystems	Journal of Technology Transfer	2019
Corrente, S; Greco, S; Nicotra, M; Romano, M; Schillaci, CE	Evaluating and comparing entrepreneurial ecosystems using SMAA and SMAA-S	Journal of Technology Transfer	2019
Spigel, B; Harrison, R	Toward a process theory of entrepreneurial ecosystems	Strategic Entrepreneurship Journal	2018
Roundy, PT; Bradshaw, M; Brockman, BK	The emergence of entrepreneurial ecosystems: A complex adaptive systems approach	Journal of Business Research	2018
Huang-Saad, A; Fay, J; Sheridan, L	Closing the divide: accelerating technology commercialization by catalyzing the university entrepreneurial ecosystem with I-Corps (TM)	Journal of Technology Transfer	2017
Audretsch, DB; Belitski, M	Entrepreneurial ecosystems in cities: establishing the framework conditions	Journal of Technology Transfer	2017

Quadro 2: Artigos analisados na pesquisa, segundo a avaliação de periódicos JCR- ordem decrescente
Fonte: Elaboração dos autores.

3. ECOSISTEMAS EMPREENDEDORES: O QUE DIZEM OS ESTUDOS

Os achados provenientes da revisão sistemática bem como as discussões decorrentes dos mesmos são apresentados na sequência, de acordo com a seguinte lógica: (i) definições de ecossistemas empreendedores; (ii) estágios de desenvolvimento dos ecossistemas empreendedores; (iii) dimensões de análise dos ecossistemas empreendedores e, (iv) ecossistemas empreendedores e o turismo.

3.1 Definições de ecossistemas empreendedores

Para o entendimento do subtópico acima, de acordo com os artigos analisados, partindo da ordem cronológica do mais antigo ao mais recente, concretamente do ano de 2017-2021, percebendo assim os seus pontos de congruência. O conceito de EE destaca a ideia de que o empreendedorismo não é um evento isolado, mas parte de um ecossistema econômico mais amplo (Adner, 2016, Isenberg, 2010). Isso oferece uma abordagem holística para entender melhor o empreendedorismo. Os EE são interações entre indivíduos, que impulsionam a alocação de recursos por meio da criação e operação de novos empreendimentos, em outras palavras, interagem e influenciam a identificação e comercialização de oportunidades empreendedoras.

Sendo assim, entendemos que o EE é utilizado para alinhar valor e capacidade de alavancagem por meio de empreendimentos empreendedores coletivos. E com isso, pela revisão o conceito foi evoluindo e incorporando novas dimensões, consistindo nos elementos necessários para sustentar o empreendedorismo em um determinado território, criar um sistema de atores e infraestruturas de desenvolvimento de projetos empresariais inovadores, construção de uma rede entre empresas.

Apresentam-se como combinações de elementos sociais, políticos, econômicos e culturais dentro de uma região, que apoiam o desenvolvimento e o crescimento do EE, com o passar dos

anos abraçou-se a ideia da conexão entre a estratégia de desenvolvimento econômico regional, a atividade empreendedora e as iniciativas inovadoras associadas à criação de empregos e revitalização. Identificou-se que se refere a um amplo sistema de elementos heterogêneos.

Desta forma, com base na revisão, os ecossistemas de empreendedorismo, inspirados pelos ecossistemas biológicos, buscam construir uma relação de cooperação entre as organizações, empresas, universidades, associações, entre outras. A evolução e consolidação desses ecossistemas pode ser considerada resultado de um conjunto das instituições que contribuíram durante bastante tempo para o surgimento de outras novas organizações. Abaixo no quadro 3 estão detalhadas todas as definições conceituais encontradas e utilizadas no corpus de artigos desta revisão.

AUTOR	CONCEITO DE ECOSISTEMA EMPREENDEDOR
Acs et al. (2014)	Uma interação dinâmica e institucionalmente incorporada entre atitudes, habilidades e aspirações empreendedoras, por indivíduos, que impulsiona a alocação de recursos por meio da criação e operação de novos empreendimentos.
Audretsch e Belitski (2017)	Fatores institucionais e organizacionais, bem como outros fatores sistêmicos que interagem e influenciam a identificação e comercialização de oportunidades empreendedoras.
Corrente et al. (2019)	É a capacidade de um território em criar um sistema de atores e infraestruturas de apoio à criação e desenvolvimento de projetos empresariais inovadores, para além da mera construção de uma estrutura em rede entre empresas. Refere-se a um amplo sistema de elementos heterogêneos.
Malecki (2011)	Aglomeração regional de indivíduos, entidades e órgãos reguladores interconectados em uma determinada área geográfica.
Neck et al. (2004)	Uma aglomeração de organizações incubadoras, spin-offs, redes informais e formais, infraestrutura física e cultura regional que contribuem para os resultados no nível do sistema.
Stam e Ven, Van De, (2019)	Consiste em todos os elementos necessários para sustentar o empreendedorismo em um determinado território.
Brown e Mason (2017)	É uma comunidade intencional de atores econômicos que coevoluem para alinhar valor e capacidade de alavancagem por meio de empreendimentos empreendedores coletivos, com agência empreendedora em seu núcleo.
Robertson, J; Pitt, L; Ferreira, C (2020)	Compreendem a conexão entre a estratégia de desenvolvimento econômico regional, a atividade empreendedora e as iniciativas inovadoras associadas à criação de empregos e revitalização.
Stam (2014)	Um conjunto de atores e fatores interdependentes coordenados de forma a possibilitar o empreendedorismo produtivo.
(Binkley 2015; Mason et al 2014)	Se relaciona a um conjunto interconectado de partes interessadas em um ambiente regional que fornece a infraestrutura subjacente para atividades empreendedoras.
Spigel (2017)	Combinações de elementos sociais, políticos, econômicos e culturais dentro de uma região, que apoiam o desenvolvimento e o crescimento de startups inovadores e encorajam empreendedores nascentes.

Quadro 3- Conceitos de ecossistemas empreendedores identificados na literatura estudada
Fonte: Elaboração dos autores.

3.2 Estágios de Desenvolvimento

Destaca-se as fases de um ecossistema empreendedor, que segundo Cantner et al (2020) no artigo intitulado “Entrepreneurial ecosystems: a dynamic lifecycle model” apontam cinco fases de EE, que são:



Figura 1- Fases de um Ecossistema Empreendedor

Fonte: Adaptado de Cartner et al. (2020).

Conforme visto, as fases de nascimento de um ecossistema empreendedor; o crescimento de um ecossistema empreendedor; a maturidade e estabilização de um ecossistema empreendedor; o declínio de um ecossistema empreendedor e o ressurgimento de um ecossistema empreendedor, serão abordados com mais detalhes para uma melhor percepção.

Sobre a primeira fase que é o nascimento de um EE, Marshall (1920) citado por Cantner et al (2020) define uma ideia como o ponto inicial, o “Big Bang” de um ecossistema empreendedor, argumentando que, se um homem começa uma ideia nova, ela é adotada pelos demais, por sua vez só se faz as combinações com suas próprias sugestões, e, assim, torna-se a fonte de novas ideias adicionais.

Quanto a segunda fase, que tem a ver com o crescimento de um EE, Audretsch e Lehmann, 2005; Audretsch et al.2019, citado por Cantner et al (2020) explicam que, é o momento onde todos os diferentes atores, como incubadoras e aceleradoras que estão em funcionamento e instituições de ensino, passam a oferecer programas específicos de empreendedorismo para fomentar a criação e localização de novas empresas.

A terceira fase é a maturidade e estabilização de um EE. Nesta fase o ecossistema empreendedor atinge uma fase de maturidade e estabilização, caracterizada por um menor número de novas empresas empreendedoras entrando no mercado e um maior número de saídas (CANTNER *et al.*, 2021). Ao final do estágio dois, o acesso a recursos financeiros não serve como barreira e restrição proibitivas de entrada, levando a efeitos adversos de entradas no mercado (CANTNER *et al.*, 2021).

A penúltima fase, declínio de um EE, é caracterizada por uma maneira reversa de explorar ideias e oportunidades. Novas ideias e conhecimentos são agora explorados principalmente em empresas estabelecidas, e a criação de novos empreendimentos para explorar oportunidades parece uma exceção e não a regra (CANTNER *et al.*, 2021).

De acordo com Spigel e Harrison (2019), a cultura inovadora não pode ser criada, mas pode se desenvolver apenas ao longo do tempo por meio da atividade empreendedora e do sucesso. Ou seja, enquanto houver atividades empreendedoras constantemente, e o foco for criar e gerar valor ao cidadão em diferentes lugares e circunstâncias, se readaptando ao mercado, provavelmente nunca acontecerá o declínio. Audretsch *et al.* (2019) baseado em (Clarysse et al. 2014; Stephen et al. 2012; Vargo e Lusch 2010) no seu artigo “Entrepreneurial ecosystems: economic, technological, and societal impacts” dizem que finalmente, um ecossistema empreendedor, como qualquer ecossistema, deve cumprir duas tarefas: gerar valor para o ecossistema e, distribuir o valor entre os membros do ecossistema.

A grande questão é que, novas empresas entram no mercado, mas acabam se assemelhando mais com as empresas tradicionais do que às empreendedoras. Vale ressaltar que, mesmo quando esta fase é caracterizada por uma baixa taxa de entrada no mercado, a fase de declínio de um ecossistema empreendedor não é equivalente a um declínio do sistema econômico regional, ou da competitividade e riqueza regionais (CANTNER *et al.*, 2021).

Por fim, a última Fase, o ressurgir de EE, como explicado no quarto estágio pelos autores, o ciclo de vida empresarial pode terminar neste estágio, tornando-se um ecossistema de negócios com empresas, rotinas e normas bem estabelecidas. Bem como, até agora, ecossistemas regionais dinâmicos e empreendedores tendem também a emergir em aglomerados industriais e distritos de aglomeração (CANTNER *et al.*, 2021).

3.3 Dimensões de Análise

Ecossistemas empreendedores são muito promissores como uma estrutura conceitual para entender as relações entre o processo de empreendedorismo e seu ambiente local e uma ferramenta de política para ajudar as regiões a catalisar o desenvolvimento econômico sustentável liderado pelo empreendedorismo (SPIGEL e HARRISON, 2018). Embora os ecossistemas possam ter diferentes estruturas e origens, seu sucesso está na capacidade de criar um sistema social e econômico consistente, que apoie a criação e o crescimento de novos empreendimentos (STAM e VEN, VAN DE, 2019). Ter foco exclusivamente nas necessidades das empresas startup não é uma boa abordagem de políticas públicas, deve também concentrar em empresas orientadas para o crescimento (PUSTOVRH, RANGUS e DRNOVSEK, 2020).

Analisar o empreendedorismo sob a perspectiva de um ecossistema, possibilita uma análise minuciosa dos elementos ou fatores envolvidos, que identifique os pontos positivos e a necessidade de intervenção para o fortalecimento da ação empreendedora em um espaço. A literatura analisada nos oferece alguns modelos de análise de EE, todos baseados em uma análise de fatores/determinantes/variáveis. Viu-se que das diferentes modalidades do EE, a maioria tem similaridade no que concerne a interação entre as organizações, empresas, universidades, escolas, associações (capital humano), a cultura permanente, e está em causa a ideia das redes.

De acordo com os textos analisados e as citações destes, identifica-se os seguintes modelos no Quadro 3:

MODELOS DE EE	ELEMENTOS OU FATORES DO EE
Van de Ven (1993)	1) Arranjos institucionais; 2) Recursos públicos; 3) Demanda de mercado; e 4) Atividades comerciais proprietárias
Isenberg (2010)	1) Política; 2) Finanças; 3) Cultura; 4) Suporte; 5) Capital humano e 6) Mercados.
Fórum Econômico Mundial (2013)	1) Capital humano; 2) Finanças e serviços; 3) Talentos; 4) Investidores; 5) Mentores/assessores; 6) Pares empreendedores; 7) Estrutura governamental e regulatória e 8) Apoio cultural
Audretsch e Belitski (2017)	- 1º etapa: descrever as relações dentro dos domínios (cultura, instituições, infraestrutura, informação, diversidade e demanda). - 2º etapa: adicionar o acesso à informação nas condições estruturais. - 3º etapa: explicar a relação conjunta entre o Índice REDI e as condições estruturais do ecossistema.
Stam e Ven, Van De (2019)	- Componentes de arranjos institucionais: 1) Instituições formais; 2) Cultura e 3) Elementos de rede. - Componente de dotação de recursos: 4) Infraestrutura física; 5) Finanças; 6) Liderança; 7) Talento; 8) Conhecimento; 9) Serviços intermediários e 10) Elementos de demanda.

Xie et al. (2021)	1) Capacidade de inovação; 2) Potencial de mercado; 3) Capital humano e Capital financeiro; 4) Infraestrutura física; 5) Infraestrutura de internet; 6) Tamanho do governo e 7) Qualidade e quantidade empreendedora
-------------------	--

Quadro 3: Modelos de análise ecossistemas empreendedores identificados na literatura estudada e nas citações destes

Fonte: Elaboração dos autores.

Audretsch e Belitski (2017), inspirado em Autio et al. (2014), nos revela que a abordagem holística do empreendedorismo e da inovação se tornou a tendência mais recente na política de empreendedorismo e inovação na Europa, com foco no papel do ecossistema empreendedor e nos processos de como ele é desenvolvido, adaptado e sustentado. Em uma pesquisa para avaliar as variações no empreendedorismo em 70 cidades europeias, os autores realizaram um estudo no qual desenvolveram um modelo complexo que envolve três etapas de análise, exposto no quadro 3. Este modelo foi inspirado em diversos autores, descrito no artigo em questão “Entrepreneurial ecosystems in cities: establishing the framework conditions”. Nesta análise eles enfocam as condições da estrutura do ecossistema empreendedor, incluindo a importância do alinhamento de TI, que ajuda na tomada de decisão individual, julgamento e capacidade de prever oportunidades. O Índice de REDI aplicado ao modelo foi defendido por eles como um instrumento poderoso para prever a atividade empreendedora nas cidades, incluindo as regiões. O REDI se tornou muito popular e eficiente para explicar a atividade empreendedora nas regiões, identificando os obstáculos e as implicações políticas (AUDRETSCH e BELITSKI, 2017).

Diante da análise holística dos seis domínios do EE (cultura, instituições formais, infraestrutura, informação, diversidade e demanda), Audretsch e Belitski (2017) elabora seis hipóteses baseadas em sua pesquisa, que podem promover um ecossistema de sucesso, no qual podemos sintetizar: 1) A cultura local que promove a confiança e segurança provavelmente melhorará o ecossistema empresarial; 2) conexões de transporte e otimização da cidade provavelmente melhorarão o ecossistema empresarial; 3) recursos gastos com responsabilidade e serviços de administração eficientes, podem melhorar o ecossistema do empreendedorismo. 4) o acesso e a conectividade à internet provavelmente melhorarão o ecossistema empresarial. 5) Os estrangeiros bem integrados provavelmente melhorarão o ecossistema empresarial; 6) o impacto da alta demanda por força de trabalho e habitação no ecossistema empresarial é ambíguo (AUDRETSCH e BELITSKI, 2017).

Outro modelo de análise do EE exposto na tabela 3 que foi elaborado segundo os moldes do governo chinês, é o modelo proposto por Xie et al. (2021). Diante da forte intervenção governamental na China, o tamanho dos gastos do governo é um fator institucional importante quando se analisa os elementos do EE. A intervenção governamental na China, influencia todo o processo de empreendedorismo e pode determinar o sucesso ou o fracasso de um novo empreendimento. Com base no trabalho investigado por Xie et al., ele propõe um modelo que destaca sete fatores necessários para sustentar o empreendedorismo regional na China, no qual o tamanho do governo o diferencia, no qual podemos enumerar: 1) capacidade de inovação, 2) potencial de mercado, 3) capital humano e financeiro, 4) infraestrutura física, 5) infraestrutura de internet, 6) tamanho do governo, 7) qualidade e quantidade empreendedora (XIE *et al.*, 2021).

Um ecossistema empreendedor com incorporação de tecnologias avançadas e maior conectividade de internet na região, podem ser o catalisador ideal para tirar o máximo proveito do enorme potencial das tecnologias que facilitam o início de empresas e um alto crescimento das já existentes, foi o que concluiu Audretsch e Belitski (2017) em sua pesquisa na Europa. A era digital caracterizada por rápidas mudanças tecnológicas colocam esse recurso no centro da sua capacidade de sobreviver e prosperar (AUDRETSCH e BELITSKI, 2017).

Wurth, Stam e Spigel, (2021) em seu trabalho, dá destaque no papel do empreendedor como líder organizacional, inovador e comunitário. Isso destaca sua capacidade de romper as estruturas existentes e criar novos caminhos com base em suas características e circunstâncias individuais. Os outros atores em um ecossistema também têm relevância na forma como escolhem operar dentro de um EE, incluindo os investidores, servidores públicos, funcionários. As consequências dessa ideia de ecossistema liderado pelo empreendedor é que, os mecanismos causais que impulsionam a inovação e evolução dos ecossistemas empresariais regionais podem não ser os mesmos que para outros modelos territoriais de inovação (SPIGEL e HARRISON, 2018).

Quanto aos recursos relacionados ao empreendedorismo dentro dos EE, Cao e Shi (2021) nos esclarece que, são fornecidos por várias partes interessadas dentro desse sistema, que podem incluir infraestrutura financeira, humana, de conhecimento e física que os empresários precisam. Ainda segundo o autor, os recursos financeiros podem ser fornecidos pelo estado por meio de subsídios e doações, entidades privadas, por meio de capital ou dívida; os recursos humanos podem ser oferecidos por instituições educacionais, grandes empresas estabelecidas e novos empreendimentos bem-sucedidos ou fracassados; o conhecimento técnico especializado e métodos empreendedores podem ser preparados por instituições de pesquisa ou educacionais, bem como por empresas existentes por meio de mentoria e por último, os recursos de infraestrutura, como espaços de escritório, podem ser fornecidos por intermediários, como espaços de coworking e incubadoras (CAO e SHI, 2021). Além do investimento direto, a reciclagem também é um elemento-chave da provisão de recursos (SPIGEL e HARRISON, 2018).

Para Pustovrh, Rangus e Drnovsek (2020), a política econômica e a política de empreendedorismo devem concentrar-se na criação de condições para um empreendedorismo inovador ambicioso, em vez de um empreendedorismo autônomo por necessidade. Para o autor, os empreendedores por necessidade geralmente não criam inovação disruptiva, assim, não são o alvo das medidas de política de inovação. Com isso, os empreendedores que não inovam, não estão qualificados para as políticas que influenciam a disponibilidade de recursos (empréstimos bancários), seus custos ou as condições gerais do empreendedorismo (como o tempo, custos de criação e gestão de uma nova empresa), que são as medidas mais importantes para os empreendedores se desenvolverem e atingir o sucesso (PUSTOVRH, RANGUS e DRNOVSEK, 2020).

Sob uma aplicação prática e diferenciada de outros ecossistemas, o trabalho de Xie et al. (2021), que enfoca os principais determinantes do empreendedorismo regional, numa análise baseada de cidades da China, mostrou que as variáveis baseadas no país geralmente são consistentes e atribuídas de acordo com os mesmos métodos estatísticos em cidades diferentes. Isto é uma distinção do empreendedorismo da China, que, com a maior economia emergente do mundo, tem um governo muito ativo na promoção do empreendedorismo. Essa estratégia de empreendedorismo e inovação em massa proposta pelo governo chinês, fez com que a atividade empreendedora em estágio inicial diminuísse, enquanto os empreendedores que esperavam grande crescimento aumentasse (XIE *et al.*, 2021).

Considerando que os estudos sobre os EE intensificaram demasiadamente nos últimos anos, principalmente nos últimos 6 anos, Cao e Shi (2021, p.2) apontam que “o empreendedorismo nos países em desenvolvimento é o fenômeno econômico global importante menos estudado hoje.” Compreender os EE nas economias emergentes é relevante tanto para os pesquisadores, quanto para os formuladores de políticas. Outra contribuição do autor para as economias emergentes, são quanto as infraestruturas físicas. Essas economias, nas últimas duas décadas, demandam enormes investimentos em infraestrutura, por encontrarem lacunas críticas em infraestruturas físicas, incluindo estradas subdesenvolvidas, pontes, redes de telecomunicações,

instalações de água e saneamento e usinas de energia, o que dificulta a atividade empreendedora (CAO e SHI, 2021).

Cao e Shi (2021) observa que, dada a cultura de evitar a incerteza e a falta de acesso ao financiamento em economias emergentes, indivíduos qualificados tendem a se envolver em empregos em vez de carreiras empreendedoras de alto risco, ou seja, os indivíduos com capital humano nessas regiões são mais propensos a trabalhar para outra pessoa em vez de iniciar seus próprios empreendimentos do que indivíduos em economias avançadas (CAO e SHI, 2021).

Quanto ao desafio dos empreendedores de assumir riscos e inovação, Spigel e Harrison (2019) nos elucida que o maior dos desafios da política do ecossistema empreendedor é como os empresários e o estado podem apoiar o desenvolvimento de um ecossistema forte e funcional, pois sua cultura, sua rede de empreendedores e mentores bem-sucedidos e seus estoques de conhecimento empreendedor, surgem dos próprios empreendedores. Para ele, é extremamente difícil construir uma cultura por meio da intervenção externa. Assim, a criação de ecossistemas fortes e funcionais depende da liderança da comunidade empresarial para criar redes consistentes e lógicas, fundamentada em uma cultura de confiança, reciprocidade e aceitação de riscos (SPIGEL e HARRISON, 2018).

A pesquisa de Audretsch e Belitski (2017) nos revela que envolver o setor privado e reformar a estrutura burocrática e regulatória está no centro de um ecossistema empreendedor eficiente. Segundo os autores, os empreendedores são desencorajados a iniciar um novo negócio se forem limitados pela burocracia, numerosos regulamentos e procedimentos locais e requisitos de tempo. Diante disso, os resultados positivos de serviços administrativos eficientes e alocação de recursos, criam estabilidade e tornarão o local mais atraente para viver, trabalhar e investir (AUDRETSCH e BELITSKI, 2017).

Para um ecossistema de sucesso é importante permitir que as empresas estabeleçam uma ampla rede de ligações e relacionamentos, com a finalidade de facilitar o compartilhamento de conhecimento dentro das organizações inovadoras novas ou já existentes, que não se limitam aos ecossistemas locais, mas podem se estender internacionalmente (PUSTOVRH, RANGUS e DRNOVSEK, 2020).

O trabalho de Cao e Shi (2021) resumiu nove tipos de deficiências, no contexto do empreendedorismo, que caracterizam as economias emergentes: instituições subdesenvolvidas, políticas governamentais pouco claras e inconsistentes, governança inadequada, infraestrutura desarticulada, opções de financiamento limitadas, cultura inibidora, redes personalizadas, sistema educacional mal financiado e ambivalente e internacionalização relutante. O autor identificou que o principal gargalo no ecossistema empreendedor brasileiro é a falta de interação e cooperação entre instituições de ensino e empresários (CAO e SHI, 2021).

3.4 Ecossistemas Empreendedores e o Turismo

Como visto no início deste trabalho, o turismo é uma atividade que traz crescimento econômico através da movimentação da economia, com geração de empregos e receitas fiscais e estímulo ao investimento nas cidades turísticas. Para que o empreendedorismo aconteça no setor de turismo, de forma a alcançar o sucesso, ele deve estar com seu ecossistema ativo, de forma que haja elementos inter-relacionados à disposição dos empreendedores, que estimulem, alavanquem e gerem confiança nas pessoas envolvidas nas atividades turísticas (SILVA, FONSECA e SPINOLA, 2017).

O ecossistema empreendedor surge como uma proposta para o fortalecimento da ação empreendedora em uma região, que no caso da indústria do turismo, é caracterizada por um grande número de atores (devido à grande variedade de serviços destinados aos turistas), no qual exigem coordenação e colaboração (EICHELBERGER *et al.*, 2020).

No Brasil, demanda um conjunto de 47 tipos de serviços, de acordo com a classificação do Ministério do Turismo. Partindo do conceito de Stam e Ven, Van De (2019), que define o ecossistema empreendedor como “todos os elementos necessários para sustentar o empreendedorismo em um determinado território”, para criar novos empreendimentos e expandir os negócios em crescimento, faz-se necessário uma variedade de atores envolvidos em todos os processos e interações necessárias. As grandes empresas, universidades, instituições públicas, startups e corretoras em um ecossistema empreendedor são de grande importância de forma a dar o suporte necessário a esses atores (PUSTOVRH, RANGUS e DRNOVSEK, 2020).

Os modelos propostos para a análise do EE são baseados em um estudo de fatores/determinantes/variáveis que levam a um ecossistema de sucesso. Este estudo aplicado ao turismo em uma dada região, se torna muito relevante, pois identifica os pontos positivos e a necessidade de intervenção para o fortalecimento dessa atividade empreendedora e faz com que a região possa aproveitar todo o seu potencial e alavancar novas iniciativas empresariais em um ciclo virtuoso de crescimento (SILVA, FONSECA e SPINOLA, 2017). No turismo, o sucesso dos empreendimentos irá depender de sua capacidade de identificar as necessidades do consumidor e oferecer produtos sob medida, para a satisfação desse público (COOPER et al., 2002).

Quanto aos recursos humanos, eles podem ser oferecidos por instituições educacionais, grandes empresas estabelecidas e novos empreendimentos bem-sucedidos ou fracassados (CAO e SHI, 2021). O turismo em grandes partes do Brasil enfrenta uma dificuldade, que é a capacitação das pessoas para o atendimento no setor de serviços e, mais, para a sensibilização em relação às oportunidades que o empreendedorismo pode trazer (SILVA, FONSECA e SPINOLA, 2017).

O empreendedor como líder do ecossistema empreendedor deve ter um papel de destaque no EE (WURTH, STAM e SPIGEL, 2021). Para o turismo, que é constituída por vários segmentos de empreendimentos, desde o que requer menos investimento, tanto como o que existe alto, o empreendedor como líder se torna importante, pois ele conhece as necessidades e os interesses do setor.

O empreendedorismo nos países em desenvolvimento ainda é pouco estudado nos dias de hoje, apesar de ser um fenômeno econômico global importante (CAO e SHI, 2021). Compreender os ecossistemas empreendedores nas economias emergentes é relevante tanto para os pesquisadores, quanto para os formuladores de políticas. Para a administração pública brasileira é um tema relevante, pois o turismo é uma indústria que pode trazer investimentos em infraestrutura, que é uma lacuna crítica para o turismo nas regiões de países em desenvolvimento. Cooper et al. (2002) nos esclarece sobre as infraestruturas que atendem de forma satisfatória ao turismo de uma região:

É essencial para destinações e aparece principalmente na forma de transporte (estradas, ferrovias, aeroportos, estacionamentos), serviço de utilidade pública (eletricidade, água, comunicações) e outros serviços (saúde, segurança), e é normalmente compartilhada por residentes e visitantes (COOPER et al., 2002, p. 142).

Audretsch e Belitski (2017) em sua pesquisa na Europa nos mostra que, a maior conectividade de internet na região de um ecossistema empreendedor é um catalisador ideal para as empresas iniciantes e o crescimento das já existentes. Na indústria do turismo, as tecnologias de informação possibilitam aos viajantes acessar informações confiáveis e precisa, e fazer reservas com tempo, custo e desconforto bem menores do que pelos métodos convencionais. Diante disso, eles melhoram a qualidade do serviço e contribuem para uma maior satisfação do turista (COOPER et al., 2002).

Quanto aos estímulos para iniciar um negócio, os empreendedores se forem limitados pela burocracia, numerosos regulamentos e procedimentos, são desencorajados (AUDRETSCH e

BELITSKI, 2017). No Brasil, a Lei de Liberdade Econômica (Lei 13.874, de 20 de setembro de 2019) busca desburocratizar processos para estabelecimentos de baixo risco, com o fim dos alvarás, a digitalização de documentos, a inovação e fortalecimento dos instrumentos contratuais que beneficiam os empreendedores, no qual atende boa parte dos serviços do setor turístico (GOVERNO FEDERAL, 2021).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi analisar como os ecossistemas empreendedores podem contribuir para o fortalecimento da ação empreendedora na indústria do turismo. Para tanto, realizamos uma revisão sistemática da literatura no intuito de analisar as definições dos EE, os estágios de desenvolvimento dos EE, as dimensões de análise dos EE e a relação dos EE e o turismo.

Apesar de ser um tema relativamente novo no setor do empreendedorismo, só nos últimos 5 anos as pesquisas sobre EE passaram a ter maior destaque, com um número considerável de publicações. Porém trabalhos voltados para os EE e o turismo ainda são escassos. Com isso o levantamento dos artigos baseou-se no tema EE, para após a análise relacionarmos ao turismo, já que os EE podem ser aplicados ao turismo.

Baseando no conceito mais simples e abrangente identificado no estudo, que define EE com “todos os elementos necessários para sustentar o empreendedorismo em um determinado território” (STAM e VEN, VAN DE, 2019), percebemos que para alcançar o sucesso, os empreendedores do setor turístico, que no caso são caracterizados por um grande número de atores, necessitam das redes e governança para dar o suporte necessário, desde o conhecimento, financiamento, estímulo e confiança. A análise de um EE através de um modelo, possibilita identificar os problemas, soluções e sucesso do empreendedorismo de uma região assim como as necessidades de intervenção para o fortalecimento da ação empreendedora em uma dada realidade.

O setor do turismo apresenta várias fragilidades, que estando orientado por um EE poderia superar com mais facilidade. Começando pela capacitação das pessoas para o atendimento no setor de serviços, que no EE poderia ser oferecido por instituições educacionais, grandes empresas estabelecidas e novos empreendimentos bem-sucedidos. A iniciativa de iniciar um negócio, se for limitado pela burocracia, desestimula os empreendedores, no qual abrange os do setor do turismo, que são em grande parte pequenos negócios (AUDRETSCH e BELITSKI, 2017). Quanto à infraestrutura que envolve esse setor, que é compartilhada pelos turistas e residentes, nos países em desenvolvimento é um problema crítico, que no EE poderia ser amenizado através de políticas públicas. Dentre essas infraestruturas encontra-se a conectividade de internet na região de um EE, que hoje é considerado um dos maiores catalisadores do turismo.

Esse estudo possibilita o avanço do conhecimento teórico em EE e sua divulgação contribui na formulação de políticas públicas e de gestão empresarial. O setor do turismo enfrenta um dos piores momentos da sua história com a pandemia do Novo Coronavírus- COVID 19, que se iniciou no Brasil em março de 2020 e ainda não tem perspectiva de ser devidamente contornado. A queda brusca no consumo e a grande demanda de cancelamento de viagens, motivadas principalmente pelo fechamento das fronteiras, por questão de saúde pública, colocaram as empresas do setor em situação crítica, extinguindo a oferta de empregos e a saúde financeira do próprio Estado, principalmente em localidades que têm maior dependência do turismo (CARNEIRO e ALLIS, 2021). Na medida que as limitações impostas pela pandemia estão se flexibilizando, reconstruir esse setor é primordial, dado aos benefícios que o turismo traz para uma região.

Mesmo diante das contribuições devemos reconhecer algumas limitações relativas ao volume de trabalhos revisados restritos ao único idioma e a uma única base. Pesquisas futuras podem ampliar o escopo de busca para a revisão, incluir novos critérios para análise e sobretudo, ir a campo para realizar através de estudos de casos e observação a realidade dos ecossistemas de turismo.

REFERÊNCIAS

- AUDRETSCH, D. B.; BELITSKI, M. Entrepreneurial ecosystems in cities: establishing the framework conditions. **Journal of Technology Transfer**, v. 42, n. 5, p. 1030–1051, 2017.
- AUDRETSCH, D. B.; CUNNINGHAM, J. A.; KURATO, D. F.; LEHMANN, E. E.; MENTER, M. Entrepreneurial ecosystems: economic, technological, and societal impacts. **Journal of Technology Transfer**, v. 44, n. 2, p. 313–325, 2019.
- BACHINGER, M.; KOFLER, I.; PECHLANER, H. Sustainable instead of high-growth? Entrepreneurial Ecosystems in Tourism. **Journal of Hospitality and Tourism Management**, v. 44, n. July, p. 238–242, 2020.
- CANTNER, U.; CUNNINGHAM, J. A.; LEHMANN, E. E.; MENTER, M. Entrepreneurial ecosystems: a dynamic lifecycle model. **Small Business Economics**, v. 57, n. 1, p. 407–423, 2021.
- CAO, Z.; SHI, X. A systematic literature review of entrepreneurial ecosystems in advanced and emerging economies. **Small Business Economics**, v. 57, n. 1, p. 75–110, 2021.
- CARNEIRO, J.; ALLIS, T. How Does Tourism Move During The COVID-19 Pandemic? **Revista Brasileira de pesquisa em Turismo Brazilian Journal of Tourism Research**, v. 15, n. 1, p. 1–23, 2021.
- CAVALHEIRO, M. B.; JOIA, L. A.; CAVALHEIRO, G. M. DO C. Towards a Smart Tourism Destination Development Model: Promoting Environmental, Economic, Socio-cultural and Political Values. **Tourism Planning and Development**, v. 17, n. 3, p. 237–259, 2020.
- CONFORTO, E. C.; AMARAL, D. C.; SILVA, S. L. DA. Roteiro para revisão bibliográfica sistemática : aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos. **8º Congresso Brasileiro de Gestão de Desenvolvimento de Produto - CNGDP 2011**, n. 1998, p. 1–12, 2011.
- COOPER, C.; FLETCHER, J.; WANHILL, S.; GILBERT, D.; SHEPHERD, R. **Turismo: princípios e prática**. Trad. Roberto Cataldo Costa- 2 ed.- Porto Alegre: Bookman, 2001.
- CORRADI, M. G.; PEREIRA, M. A. Análise do potencial de desenvolvimento do ecossistema empreendedor da cidade de Lorena no Brasil. **Espacios**, v. 41, n. 50, p. 74–92, 2020.
- EICHELBERGER, S.; PETERS, M.; PIKKEMAAT, B.; CHAN, C. S. Entrepreneurial ecosystems in smart cities for tourism development: From stakeholder perceptions to regional tourism policy implications. **Journal of Hospitality and Tourism Management**, v. 45, p. 319–329, 2020.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 edição- São Paulo: Atlas, 2002.
- GOVERNO FEDERAL. Por que investir no Brasil? Ministério do Turismo. Disponível em: <<https://investimento.turismo.gov.br/por-que-o-brasil/>>. Acessado em 23 de julho de 2021.
- GROUP, W. O. S. Como utilizar o JCR no Portal de Periódicos da CAPES. **JOURNAL CITATION REPORTS**. Disponível em: <[https://www.periodicos.capes.gov.br/images/documents/Journal%20Citation%20Reports%20JCR%20\(guia\).pdf](https://www.periodicos.capes.gov.br/images/documents/Journal%20Citation%20Reports%20JCR%20(guia).pdf)>. Acessado em 02 de julho de 2021.

GUIMARÃES, C. R. F. F.; SILVA, J. R. Turismo e geração de empregos formais : Um estudo sobre o Brasil e suas regiões Tourism and formal job creation : A study on Brazil and its regions. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 27/28, p. 1273–1286, 2017.

ISENBERG, D. J. The Entrepreneurship Ecosystem Strategy as a New Paradigm for Economic Policy: Principles for Cultivating Entrepreneurships. **The Babsos Entrepreneurship Ecosystem Project**, v. 1, n. 781, p. 1–13, 2011.

PUSTOVRH, A.; RANGUS, K.; DRNOVSEK, M. The role of open innovation in developing an entrepreneurial support ecosystem. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 152, n. October 2018, 2020.

SCARINGELLA, L.; RADZIWON, A. Innovation, entrepreneurial, knowledge, and business ecosystems: Old wine in new bottles? **Technological Forecasting and Social Change**, v. 136, n. December 2015, p. 59–87, 2018.

SILVA, P. H. O.; FONSECA, D. L. P.; SPINOLA, C. DE A. Considerações Sobre O Empreendedorismo Como Elemento Propulsor Do Turismo No Baixo São Francisco. **RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico**, v. 1, n. 39, p. 26, 2017.

SOUZA, M. J. B. DE; TRINDADE, F. DE M.; FREIRE, R.; LYRA, F. R. Potencial Empreendedor De Empresárias Do Setor Turístico De Florianópolis (Sc) Entrepreneurial Potential of Businesswomen in the Tourism Sector in Florianópolis (Sc) La Potencialidad Emprendedora De Empresarias Del Sector Turístico De Florianópolis (Sc). **Revista Alcance**, v. 23, n. 4, p. 455–474, 2016.

SPIGEL, B.; HARRISON, R. Towards a process theory of entrepreneurial ecosystems. **Strategic Entrepreneurship Journal**, v. 12, n. 1, p. 151–168, 2018.

STAM, E.; VEN, A. VAN DE. Entrepreneurial ecosystem elements. **Small Business Economics**, v. 56, n. 2, p. 809–832, 2019.

WEBSTER, J.; WATSON, R. T. Analyzing the past to prepare for the future: writing a literature review. **MIS Quarterly**, v. 26, n. 2, p. XIII–XXIII, 2002.

WURTH, B.; STAM, E.; SPIGEL, B. Toward an Entrepreneurial Ecosystem Research Program. **Entrepreneurship Theory and Practice**, 22 mar. 2021.

XIE, Z.; WANG, X.; XIE, L.; DUAN, K. Entrepreneurial ecosystem and the quality and quantity of regional entrepreneurship: A configurational approach. **Journal of Business Research**, v. 128, n. January, p. 499–509, 2021.